

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Bahia

Class.: 466

Data: 20/02/81

Pg.: _____

Juruna: "Funai nos trata como violão"



No documento a João Figueiredo Juruna pede a extinção da FUNAI

O cacique xavante Mário Juruna acusou ontem a FUNAI de tratar os índios como se fossem violão, "tocam quando querem e depois botam num canto". Fez severas críticas ao órgão, dizendo que nada tem feito pelos índios, inclusive os conflitos entre eles e posseiros são por sua culpa, pois "não garante as terras dos índios."

Juruna disse que não sabe se o Presidente Figueiredo é bom ou não para o índio, observando que "se ele fosse bom para o índio já tinha ajudado a resolver os pro-

blemas". O cacique revelou que mandou um ofício para o Presidente, no qual pede a extinção da FUNAI, porque este órgão só faz "complicar e dificultar nossas vidas". Juruna assegurou que só não convida o Presidente para visitar uma aldeia porque sabe que ele não vai.

O cacique acha que o problema do índio será resolvido quando a FUNAI foi integrada apenas por índio e mostrou-se contra a emancipação dos nativos. Página 3.

"O índio deve ser livre"

1990 (Esta é uma tese do Cacique Juruna)

O cacique xavante Mário Juruna, defendeu, ontem, uma FUNAI integrada apenas por índios, como forma para solucionar os graves problemas que afligem as tribos brasileiras. Condenou também a política de emancipação do índio, assinalando que o Governo não pode impor essa condição. Ao contrário, deve proporcionar os meios para que os próprios índios decidam a questão.

— O Governo não deve dizer nada sobre emancipação. Ele deve passar a inscrição das terras para os índios, desenvolver projetos de agricultura, saúde e escola dentro da comunidade e deixar o índio andar sozinho como um peixe que sobe até a beira da água e não volta para trás. Assim, ele mesmo vai se emancipar sozinho. Agora se o Governo emancipar o índio, muita coisa vai acontecer. O Governo rouba a terra do índio, o índio vai ter que ir para a cidade pedir esmola e morrer na estrada.

Essas colocações do cacique Juruna foram feitas durante a entrevista coletiva concedida à imprensa baiana, no Sindicato dos Jornalistas, quando fez questão de reafirmar seu propósito de defesa da comunidade indígena e criticar a postura das entidades que se colocam como defensores dos índios, mas que na realidade "foram criadas apenas para beneficiar as pessoas que as integram".

DEFESA

O cacique Mário Juruna criticou a postura da Associação Nacional de Apoio ao Índio — núcleo da Bahia, que não se fez representar na entrevista coletiva, além de ter se posicionado contrária à sua vida, afirmando que estaria sendo utilizado. "Se são amigos dos índios deveriam me procurar para explicar o que está se passando. Quem é ligado com o índio e quem não é. Muita gente acha que sou utilizado mas só dizem isso por trás. Eu não sou utilizado. Para mim não existe limite, posso andar em qualquer lugar. Quero aprender. Se ficasse na aldeia tinha ficado para trás, não tinha aprendido nada".

Considerou como fator importante ter aprendido o idioma português, ou língua do branco, conforme ressaltou mas, nem por isso deixa de conservar a tradição indígena. "Não é a Associação Nacional do Apoio ao Índio, antropólogos, FUNAI e Conselho Indigenista que devem mandar no que queremos. Hoje o índio é obrigado a estudar, deve enfrentar as situações para aprender algumas coisas dos brancos. O índio não pode viver como 500 anos atrás".

Mário Juruna responsabilizou a FUNAI por todos os conflitos havidos entre índios e posseiros,



A cada frase de Juruna, crítica forte ao Governo brasileiro

porque não garante as terras dos índios e os índios reagem sempre com violência quando querem retirá-las. "A Funai faz promessas para os índios, os índios voltam satisfeitos, depois a FUNAI não cumpre e acontecem os conflitos".

Disse que as pessoas estão na FUNAI apenas para ganhar os salários e subtraírem os recursos destinados aos índios. Denunciou ainda a política de empreguismo que vem sendo posta em prática pelo atual Presidente da FUNAI. Segundo Mário Juruna, ele está retirando todos os funcionários amigos dos índios para colocar parentes e amigos seus. Assinalou que mais de 60 funcionários foram demitidos em todo o país. "Os índios são instrumentos para a Funai: a mesma coisa de um violão, tocam quando querem e depois botam num canto".

Perguntado sobre a atuação do Presidente João Batista Figueiredo diante da situação do índio, Juruna respondeu que não sabe se ele é bom. "Não sei de

nada. Se ele fosse bom para o índio já tinha ajudado a resolver os problemas". Disse que nunca convidou o Presidente para conhecer de perto a situação das tribos indígenas, porque sabe que ele não aceitaria o convite. "O Presidente vive no último degrau da escada, está acostumado a receber pessoas importantes, não vai querer falar com índio. Argumentou que quando o Presidente ou Ministros querem saber alguma coisa sobre os índios procuram a FUNAI e não os índios diretamente. Disse que no caso dos nativos que estavam estudando em Brasília, não perguntaram a eles se queriam ou não continuar estudando, mas foram consultar a FUNAI.

INTEGRAÇÃO DO ÍNDIO

Para Juruna, a solução seria a integração de índios à FUNAI para que a Fundação se transformasse realmente em porta-voz das comunidades, caso contrário, ele acha que a situação vai acabar em muitas mortes. "O

Governo está matando os brasileiros. O índio, o posseiro, o fazendeiro, somos todos enganados pelas autoridades, porque eles são militares acham que têm mais direito do que nós!"

Ressaltou, entretanto, que existem militares bons e militares ruins e que metade dos brancos são bons e a outra parte também é ruim. "A FUNAI nunca vai poder melhorar a vida do índio, a FUNAI só pode melhorar se integrada por índios". Disse que antes de ir para a Holanda era bem tratado pelo atual Presidente da FUNAI.

Falou também da atuação da Igreja, dentro da opção preferencial pelos pobres, comentando que Padre é igual à FUNAI. "O Padre pode viver com os índios mas não deve procurar mudar nada. Os que têm lutado em defesa dos índios são os Bispos Dom Thomas Balduino, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Adriano Hipólito e Dom Pedro Casaldáliga. A maioria dos Bispos não defende os índios."

Mário Juruna defendeu-se também da acusação feita pela FUNAI no dia 16 de janeiro de que nessa data ele teria roubado um Toyota bandeirante, placa CH-0186 de cor verde, de propriedade da FUNAI, tomando rumo ignorado. Afirmou que através de um Comandante da FAB encaminhou um ofício ao filho do Presidente João Batista Figueiredo para que o fizesse chegar ao Palácio do Planalto.

No ofício, que foi mostrado ontem pela primeira vez à imprensa, Mário Juruna pede uma audiência com o Presidente da República para relatar a verdade sobre a real situação dos índios e a respeito das acusações feitas a ele sobre o roubo do carro. Quanto ao assunto, assinala "que nunca foi ladrão e jamais será, porque não precisa disso". Juruna pede ao Presidente que "pelo motivo de a FUNAI somente complicar e dificultar nossas vidas, que acabe com este órgão incompetente e nomeie pessoas idôneas que estejam dispostas a viver junto aos índios e sentir de perto as suas dificuldades."

Disse ainda que já constituiu o advogado Lourival da Mota para entrar com um processo na Justiça contra a calúnia levantada pela FUNAI.

As 20 horas Mário Juruna teve um encontro com políticos da oposição baiana no Clube de Engenharia. Hoje, pela manhã ele entrará em contato com os representantes regionais da ANAI — Associação Nacional de Apoio ao Índio. Pela tarde, o cacique xavante concederá uma entrevista ao jornal "Voz da Unidade". A noite, tem um encontro com os componentes dos blocos índios Apaches do Tororó e Caciques do Garcia.